



ANA PAULA ALVES RIBEIRO

SOBRE BASTIDORES, LUTAS E EDUCAÇÃO

CARTA DE UMA ORIENTANDA: UMA HOMENAGEM A ANA PAULA ALVES RIBEIRO.

Danielle Ribeiro de Moraes

Educadora popular e médica sanitária. Professora e Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz.

Mas o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. Visto que a grande maioria dos alunos aprende por meio de práticas educacionais tradicionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas.¹

bell hooks

Em Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade

Rio de Janeiro, maio de 2024

Querida Ana,

Tomo emprestado o título do livro de outra antropóloga, a Débora Diniz², para escrever essa carta a você. No outro caso, a carta é endereçada para uma orientanda. Um livro bonito sobre um certo fazer acadêmico. Neste texto de cá, eu te escrevo como orientanda que fui da antropóloga Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro. Volta e meia te falo que continuo sendo tua orientanda. Este texto diz um pouco do porquê eu falo isso.

Quando a Revista Aú, na figura do André, me convidou para fazer essa homenagem, ele me deu essa ideia de carta e achei mesmo que fosse mais a nossa cara. Então, para você e para quem mais for ler este texto, eu quero deixar um registro sobre os aprendizados que tive com você nesses mais de 20 anos de convivência. Você que me acompanha desde quando eu fazia o mestrado em Saúde Pública, foi minha colega, minha coordenadora, minha professora e depois foi minha orientadora de doutorado, junto com Luís David Castiel, na Fundação Oswaldo Cruz. Antes de tudo, Ana Paula, você é uma mulher imensa a quem tenho a chance de chamar de amiga. E a honra de chamar de irmã.

É óbvio que a experiência dessas décadas não cabe neste espaço, tampouco num texto escrito. E isso foi uma questão: confesso que escrever esta carta foi um grande desafio. Por um lado, uma aventura de poder contar e construir memória de algo que é raro e importante. Mas não foi muito fácil, congelei várias vezes. O primeiro congelamento foi porque a gente adoece e, como a gente conversa, “viver não cabe no Lattes”. A imagem daquele grafite no muro e o documentário de Mário Emmanuel³ evocam o que quero deixar aqui.

Os revezes nos solapam e os prazos vão-se. E eu agradeço muito a generosidade também da editoria da Aú por me permitir entregar este texto com atraso. Falo disso aqui porque os bastidores, as entrelinhas e os silêncios importam tanto quanto o que está explícito. Registrar os entraves e as dificuldades é fundamental, como você me ensinou. Pois, o segundo motivo desse congelar a escrita foi eu ter me questionado se eu seria digna de escrever esta carta, coisa tão comum entre nossas/es/os orientandas/es/os. E muitas vezes comum entre tantas mulheres da tal academia.

Afinal, oferecer um testemunho da existência da generosidade acadêmica, que aqui está representada na pessoa e na prática de Ana Paula, significa fazer emergir também um testemunho de uma luta política que é muitas vezes desvalorizada, rechaçada e que evoca até agressões. Muito dessa luta que se dá nos bastidores. E os bastidores não cabem no Lattes, porque ele não foi feito para fazer caber bastidores. Sim, o mundo acadêmico pode ser e, frequentemente, é bastante violento.

Porém, querida Ana, aprendi contigo que poderia acreditar num mundo acadêmico em que o formalismo não precisa e não deve ser mais importante que o mundo dos afetos. Os afetos, como dizem, são revolucionários. É cansativo que, mesmo depois de tantas contribuições do feminismo negro, de tanta discussão sobre (de/des/contra)colonialidade, ainda permaneça no meio acadêmico essa desimportância racista hegemônica com a

atenção às relações. E foi com você que comecei a aprender sobre tudo isso.

Eu, esta mulher branca que transitou pela cidade do Rio de Janeiro das periferias para os centros - e de volta para as periferias - para poder cursar medicina, começou contigo a ler sua própria branquitude. Eu te agradeço por isso, irmã. E agradeço por me fortalecer com tua inspiração amiga e corajosa para que eu possa transitar nas instituições racializando as falas, questionando as estruturas expropriadoras e racistas, escolhendo autoras mais potentes que o modelão “macho-branco-europeu” e, assim, poder tensionar melhor o campo da Saúde Coletiva. Lembrando Lélia Gonzalez⁴:

O lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós, o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. (p.224).

O privilégio branco joga a gente em um duplo lugar: de privilégio e de calmaria, mas Oyá acaba por nos fazer ventar e ter coragem de implodir esse sistema. É obrigação da branquitude fazer isso, nada mais, nada menos que um pedacinho de reparação. E te agradeço por poder aprender contigo sobre isso nas aulas e, sobretudo, nas coxias da luta pelas estratégias pedagógicas de permanência. Em nossas relações com estudantes e colegas do grupo de pesquisa, aprendo contigo todo dia que as ações afirmativas não param nos processos seletivos, tampouco em bolsas de permanência.

Permanência e direito à educação passam por tantas coisas grandes e passam por tantas coisas consideradas detalhes... Listo algumas aqui que têm a ver contigo, Ana, e com o que eu te vejo fazer. O primeiro item da lista é a sua própria existência de mulher preta, acadêmica, mestre em Ciências Sociais, doutora em Saúde Coletiva, com seu pós-doutorado na UFRRJ, inúmeras publicações, inserções em programas de pós-graduação, curadorias, bancas, editoria, organizações de eventos e coordenações, incluindo espaços de museus. Mas você não cabe em seu Lattes.

A lista vai além... O espaço para falar da vida nas orientações, para falar dos medos e dos sonhos. Para falar do racismo. Para falar de misoginia. Para falar de assédio. Alimentar os sonhos. A articulação com movimentos sociais. As escolas de samba. O MST. O trânsito entre diferentes campos. Lançar-se nas imagens e no cinema. Produzir filmes. Povoar festivais. O cuidado com a saúde das/es/os alunas/es/os. Escrever. Trabalhar. Existir e cuidar-se. A orientação sobre carreira, sobre trabalho. Um grupo para

escrever. Um coletivo para resistir aos inúmeros genocídios e, inclusive, àquele da gestão da pandemia. Um caderno de presente numa qualificação. O abraço apertado, quando me separei, no fim do doutorado. A liberdade para pesquisar o tema que aguça a curiosidade, que fala sobre a gente, que dê prazer, e não somente o que você estuda. O olhar crítico sobre o texto. A construção compartilhada de um recorte de objeto. Uma cartela de adesivos de presente para alguém. Livros de presente, livros emprestados. Aula na EPSJV/FIOCRUZ para estudantes do ensino médio sobre análise fílmica. Como montar bancas respeitadas e que, efetivamente, colaborem com o trabalho. Aulas sobre aplicativos de captura. O diário de campo. As ligações noturnas ou nos fins de semana sobre os problemas de vida de orientandas/es/os. A angústia com o prazo. O diploma da aluna tal. O estranhamento antropológico e a análise de implicação. A risada gostosa e acolhedora. A decisão por fazer pós em Sampa. O compromisso com as juventudes. O compromisso com as mulheres poderem ser mães na academia, da forma que puderem e quiserem. O que significa uma curadoria. A cobrança na hora certa. O direito à cidade. O cuidado com as aulas. A honestidade ao falar e lidar com estudantes e colegas. O respeito. Fazer a distinção entre ter domínio de uma língua estrangeira e agir colonialmente. A decisão de aceitar ser a diretora do CTE/UERJ. Olhar a/e/o estudante como gente, processo, no mundo. Existir. Existir. Existir.

Cada elemento dessa lista poderia estar na descrição de uma ementa de disciplina, quem sabe? Por ora, testemunhar esses itens habita o currículo oculto de quem tem a sorte de ter-te como professora ou como orientadora.

Que possamos cada vez mais trazer para o centro e para o que é explícito jornadas, travessias e práticas como as de Ana Paula Alves Ribeiro.

Muito obrigada, irmã. Um beijo, um abraço e muito axé!

Dani

Agradecimentos:

A Gilney Costa Santos, pela revisão, leitura crítica e sugestões.

NOTAS

1. Este trecho faz parte da Introdução (p.17-18) da edição de 2013 do livro *Ensinando a Transgredir: educação como prática de liberdade, de bel hooks*, publicado pela editora WMF Martins Fontes.
2. Faço referência ao título do livro “Carta de uma Orientadora: o primeiro projeto de pesquisa”, de Débora Diniz, ilustrado por Valentina Fraiz, cuja segunda edição foi publicada pela editora Letras Livres em 2012. Esse livro é comumente adotado em cursos da área de ciências humanas e sociais em disciplinas voltadas à discussão sobre método e fazer científico
3. O curta “Viver não Cabe no Lattes” faz referência à frase grafitada no muro. Foi lançado em 2018 pelo estudante do curso de licenciatura em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco e aborda a produção de sofrimento (psíquico) relacionado ao mundo acadêmico experimentado pelos estudantes daquela universidade. O documentário está disponível no Youtube pelo link: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=8SJ_2EDFK8U](https://www.youtube.com/watch?v=8SJ_2EDFK8U)
4. Trecho do texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, publicado por Lélia Gonzalez originalmente na Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, em 1984 (p.223-244). Os grifos são da própria Lélia.

IMAGENS

1. Catu Rizo (fotógrafa)